

SOAM AS VOZES DO PASSADO

Livro 83

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



MISTÉRIOS

Uma amabilidade disfarçada vasculha tua solidão. Meu olhar te fareja vazia de desejos, um cortejo de precários resultados me sabe infrutífero, meu apetite irado se defende, incapaz de continuar. Muitos mistérios cobrem com arrogância a tua nudez e com insultos a minha indisciplinada vontade.



DROGAS

As drogas lícitas e ilícitas promovem falsas relações, interações prejudicadas, gratificações efêmeras, prazeres imediatistas, recompensa sem qualidade.

OS ESPELHOS TRAEM

Às vezes os espelhos traem, suas patéticas passividades são indiferentes aos afetos que mobilizam. Dissolvem impressões numa rede complicada que manipula minha imagem fazendo-a desprotegida. Como uma companhia impossível transitam espalhando desconcertos.



UMA REDE

Uma rede de aprendizagens colaborativas transforma os humanos em responsáveis por seus destinos; e com prazer de fazê-lo.

CARA DE INSULTO

Uma cara de insulto usa o desprezo do olhar substituindo palavras. O ódio involucrado cheira a mofo tanto tempo guardado em algum labirinto do passado.



UMA FRUSTRAÇÃO

Uma frustração se asila na dor antiga implorando atualização. Embora eu tenha mudado, resta na alma uma confiança avariada, as frustrações traumáticas nunca perdem a validade justificando a atemporalidade que sustenta uma injustiça e vários sofrimentos. O sossego exige leveza e tutela.

DIVÓRCIO

No limite da suportabilidade os humanos precisam de um colapso para entender que estão em crise. Vivem sustentados por ideias equivocadas alimentando futuros equivocados, intermediados por eufóricas mentiras que sempre prometem soluções sem projetos, qualificações sem evidências de inversões em Educação, sem oportunizar cidadanias como direito adquirido. O engodo cresce, não há governabilidade comandada por quadrilhas. O Estado não suporta o que promete, sem poder subcontrata para funções que não pode cumprir. Há um divórcio entre poder, política e ciência.



A MOLDURA

As expressões não fugiam das fotografias. A moldura de baquelite denunciava um tempo que antecedia ao plástico. A família reunida confirmava um tempo anterior as mortes acontecidas, ninguém foge das fotos, a imortalidade das imagens repõe perdas.

SOAM AS VOZES DO PASSADO

Soam as vozes do passado, não se fazem ouvir por qualquer ouvido, selecionam ouvintes, medem as percepções e a acolhida, trazem notícias adiadas, afetos omitidos, recados segregados, agonias adiadas, suspeitas confidenciadas, permissões impedidas, declarações de isenção, pedidos de socorro, recados jogados no lixo, cartas desviadas, testamentos ocultados, a prova do crime e a confissão de amor abrigadas numa infinita solidão. Aquelas vozes reinventaram os ecos.



COM O PASSAR DO TEMPO

Com o passar do tempo, nos primórdios dos diálogos, os silêncios foram substituídos por gestos que apontavam para algo importante a ser destacado, deslocados os dedos nivelavam um determinado desentendimento dando um fio condutor que girava em torno das

imaginações postas em jogo. Alternando curiosidades instalaram-se códigos, legitimaram encontros, intercâmbios promissores dando significados ao desconhecido mundo do outro, advertências, limites, prazeres apetecidos, novos sabores, quais caminhos para alcançar o outro lado, novas formas, novas cores, as distâncias entre o deserto e o mar.



CADA CÉLULA

Cada célula nossa carrega vestígios de todos os nossos antepassados
devemos a eles quem somos, portanto, somamos orgulhos reproduzindo suas experiências, positivas e negativas, tentando em nome da nossa gratidão dizer aos quatro ventos nossas memórias.

CONFIABILIDADE

A confiabilidade não se constrói com promessas.



LUGARES

Os lugares onde se produz a desconstrução da alma são aqueles que pelo elevado nível de desumanização convidam a deixar a alma em casa cada vez que os frequentemos. Lugares em que não vale a pena ir-se por inteiro sem correr o risco de ali deixar-se pedaços importantes de si, onde se produzem ações que são o começo de uma ruína anunciada. Sempre será melhor ter-se um controle ativo sobre os próprios atos e uma apurada percepção dos riscos, sempre calculados, fica mantida a integridade necessária para a vida futura. Quanto mais inteiro se avance no tempo melhor para as respostas que o corpo e a alma terão que dar em cada etapa da vida.

CADA UM VE

Cada um vê a realidade, a aprecia e a padece de acordo à sua maneira, isto o faz ser singular. A oferta de variedades ficcionais que exaltam o individualismo anula as percepções coletivas, distorcem valores e induzem ao isolamento como um triunfo qualitativo. Esta organização reitera todos os dias, os mesmos estímulos, as mesmas vias de deslocamento, as mesmas consultas, as mesmas informações, as mesmas fontes, vivências efêmeras, registros fugazes, e como resultado somente alcança-se ver muito pouco nesta paisagem comprimida e passageira contida em cada momento presente, englobando os sentires como objetos banais.



ESQUECIDOS

A caravana dos esquecidos, demarcada pelo território do asilo, da calçada, leva pratos vazios, tem as memórias feridas, cansaços crônicos. Os esquecidos não vão à

parte alguma; são atores principais e extras do colapso social. Sem entusiasmo em cada novo dia, repetem incuráveis doenças de fome. Alguns, mais resistentes adiam e aguardam o extermínio. Muitos deles não se reconhecem, por haverem perdido demasiados pedaços, dentre eles, a alma, em algum instante de pânico, em alguma perseguição, em alguma fuga do fogo ateadado às suas vestes pelos genocidas construtores dos embargos, dos covardes mísseis nucleares jogados contra inocentes, dos muros e das guerras.



AINDA

Ainda espero ver o dia em que os bens imateriais possam ter uma distribuição maior que os bens materiais.

RESPEITAR

Respeitar é homenagear, ser testemunha dos valores do outro.



PRECONCEITO

Muitos projetam suas culturas nos demais e tiram conclusões precipitadas.



IR

Ir em direção ao real é uma rota desconhecida. O risco do erro ronda a tentativa. Nosso alvo é tão humanamente frágil que nada é fácil, as falhas são as maiores possíveis.

TANTOS

Tantos de fomes imateriais vítimas e tantos que a gula, matéria bruta desperdiça. Entre pretextos, praticam seus costumes entre graças e desgraças.



QUASE

Quase não há propósitos para a vida quando são omitidos os valores fundamentais do protagonismo humano.



NÃO HAVERÁ

Não haverá validação da formação universitária enquanto ela não desenvolver o humanismo.

GERAÇÕES FUTURAS

As gerações futuras deverão alcançar níveis de vinculação afetiva com os Valores, somente assim poderão fazer o resgate histórico da memória dos antepassados, identificar espaços de inclusão com honradez, resistir a maldade sincronizada com a informação e formação acrítica própria do colonialismo cultural que é ofertado como tóxico.



QUANDO

No dia mais feliz, morrer justo quando diga o justo, no tempo justo.

PARECE

Parece ser mas não é, mistura indecisa, aparece e desaparece sem deixar vestígios, se disfarça, mas sempre é pré singular, copia, repete, desconhece a originalidade, oscila entre o pouco e o nada.



FANTASMAS

Os personagens principais ainda circulam na minha casa, são fantasmas do presente, procuram pelo pilão, o quadro do camelo no deserto, o armário da cozinha, o fogão a lenha. O apito do guarda noturno avisa que ele deva apressar-se, a noite vai ficando reduzida, eles parecem confiar, alerta-me, antes de partir, que o já vivido circula na espiral, rumo do tempo, vai, mas voltará.

DAR

Dar significado à vida: pertencimento, vínculos, apegos, memórias, afetos, responsabilidades, sobreviver à corrupção do corpo e da alma.



IDENTIDADES ANALFABETAS

Identidades analfabetas vociferam modelos, banalizam a morte, o risco e uma tolerância ao absurdo, diminuem a percepção do mal, da mentira e da falsidade. A corrupção é endêmica, impera o narcisismo, erros de base induzem ao equívoco global.

MISTERIOSOS VENTOS

Misteriosos ventos foram presságios de tormentas. Caindo em saltos inesperados exaltaram-se os medos, aprofundado os abismos ao prescreverem-se as garantias. Não houve tempo de perguntar se as rotas estavam mantidas, decidiram abraçar a terra firme, embora tal preceito nem sempre pudesse ser respeitado. As dores eram tão pungentes quanto as mãos que empunhavam os remos.



NUNCA CHEGA

Nunca chega a haver uma despedida, ao chegar à lembrança que é a porta, se entra no túnel do tempo, mas tem a vantagem de um existir efêmero, acolher ou despedir transcorre uma existência dentro de si.



NEFASTA INDIRERENÇA

O problema maior daqueles que trabalham com pessoas é cuidá-las em um meio que não está interessado nelas.

A SOLIDÃO E A SOLITUDE

A solidão que confessa a dor de se estar sozinho, diante da solitude que murmura prazeres de encontrar-se quando se está só consigo mesmo. Entre as emoções descontroladas uma tênue linha marcará o valor de saber-se preservado, pronto para novas viagens, travessias imaginárias, mergulhos profundos desafiando a ordem dos tempos e a coreografia dos espaços.



TEMPO SEM RUMO

Um tempo perdido erra a rota e entra pulando no meu presente, ardendo impregnado de um pousar dolente, deposita um abraço, insiste aos pedaços meus ausentes para que sejam um retorno urgente.

PRECIOSO TEMPO

Quando um verso começava onde me esperavam sorrisos na chegada, os encantos escaparam dando um beijo enternecido, um gesto tremendo de adolescência deslocada, tresloucada, subiram rapidamente naqueles instantes dando um tom amarelado no precioso tempo, despejando um tesouro de vidas antigas que não me lembrava mais de haver juntado pouco a pouco.



AQUELE OLHAR

Em meio a chuva miudinha, ao ver-me vulnerável, exposto ao frio, fui afagado num olhar árabe, conhecedor das minhas necessidades, tal tom de meiguice declarou sem hesitação uma autorização para sentir-me amado. Ele, aquele olhar, me seguia por toda parte, era veemente terno, o olhar da minha mãe.

AS PEGADAS

As pegadas são um barco encalhado, falam do andar, do gesto desprendido que nunca se sabe revelador. As pegadas feitas molde dos movimentos, deslizando, confidenciam rumos expulsando os passos que aguardaram algum olhar que lhes deem importâncias.



JOGAR NO MAR

Seu olhar contava uma vontade de jogar no mar, diluir tudo o que havia deixado no cais. Carregando todos os sofrimentos que a gente arrasta atrás de si, pela vida afora. A cada milha náutica despedia mais um ser querido, dentro de si como fogo se alastrando, iluminou-se um caminho, deixou o que podia cair no passado, no meio das ondas, insinuando-se no futuro, com a promessa de que não o largaria mais.

VOLTAIRE

Para saber quem governa sobre ti, dirige teu olhar, busca entre aqueles que não estás autorizado a criticar.



INCERTEZAS

Sosseguei as incertezas como se não fossem minhas, diante da dor persistente restou-me, um horror hesitante ficou como inexistente. Alheio aos efeitos significativos modifiquei minhas emoções. Ficam como textos não revistos.

SUB CULTURA

Partindo do espanto reponho uma certa fascinação pela devoção do ser humano, a força com que enfrenta as adversidades, tantos os obstáculos. Sobrevive as novas versões da sub cultura que tenta se impor pela apologia marginal dos atos políticos aviltantes, desagregadores, um ataque frontal contra a espécie humana, determinações genocidas, corruptas formas desagregadoras, contágios irresponsáveis, indigentes mentais instalando a mediocridade tentando inventar o fim da família como vantagem.



NOITE E DIA

Não posso associar a noite apenas ao dormir e sonhar. Nas minhas viagens imaginárias, as sensações sentimentais vividas ao esgotamento, carregam a arte polifônica, as rimas, o suave murmúrio cortando o silêncio, o assombro das sombras, a paradoxal intimidade fluida. Devido à insuficiência, efêmera e parca, a experiência desmistificadora, embora estremecido de entusiasmo, mutila toda aventura não acontecida.

Roberto Curi Hallal

